

# CASTRO LABOREIRO – SERRA DA PENEDA. SISTEMAS DE POVOAMENTO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

por

**Alexandra Cerveira Pinto Sousa Lima**

**Resumo:** Em Castro Laboreiro, freguesia serrana, uma parte importante dos aldeamentos são ainda hoje ocupados sazonalmente (brandas e inverneiras). É possível seguir a actual malha de povoamento, para o espaço da freguesia, até à centúria de seiscentos e temos evidências para a existência daquelas movimentações sazonais nessa data. Numa área mais vasta, em que a freguesia se inclui, *grosso modo* contida entre os rios Vez, Laboreiro e Lima, estando já documentados os centros de povoamento actuais nas fontes da Baixa Idade Média, há indícios para que desde então se articulem com *habitats* complementares de altitude, ligados certamente à exploração dos pastos de Verão. Há evidências para uma ocupação anterior da serra, em período histórico, atestada pela presença de despovoados, numa implantação de meia encosta e recatada, diversa da implantação mais aberta que caracteriza os povoados posteriores.

**Palavras-chave:** Povoamento. Sazonalidade. Idades Média e Moderna.

Esta exposição é o ponto da situação de um trabalho que desenvolvo há cerca de dois anos centrado na freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço<sup>1</sup>. Procurei, ao longo da investigação, perceber a forma do povoamento, o modo como era usado e transformado o espaço, e as mudanças que em ambos se foram operando ao longo do tempo. Parti da análise do povoamento actual de Castro Laboreiro e fui recuando ao longo do Antigo Regime e Idade Média. Por vezes foi possível este “ir para trás”, por sobre as poldras que são os documentos, a memória oral, as marcas físicas na paisagem. Outros aspectos foram apenas questionados e esperam que o desenvolvimento da investigação traga outras tantas respostas.

---

<sup>1</sup> A investigação constituiu a base da tese de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto e orientada pelo Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida. O desenvolvimento do trabalho tem sido feito em colaboração com o Parque Nacional da Peneda-Gerês e veio integrar-se num projecto mais vasto, coordenado por esta instituição, de estudo da evolução da paisagem naquela freguesia.

inverneiras. No largo corredor que bordeja pelo poente o planalto e que estabelece a ligação com a Ribeira, instalaram-se os lugares fixos. No centro do território, implanta-se a vila de Castro Laboreiro, sede da freguesia, local onde se ergue a igreja paroquial e cabeça do concelho do mesmo nome extinto em 1855. Sobranceiro à vila, no ponto onde os dois patamares naturais se encontram e se abre a melhor portela de ligação entre ambos, cruzada pelo caminho que leva, para Norte, às terras baixas da Ribeira, fica o morro do Castelo.

Em redor de cada um dos *lugares* (de tamanho geralmente médio ou mesmo, no caso dos lugares fixos e da vila, grande<sup>4</sup>), núcleos concentrados, onde por vezes as casas se alinham, paredes-meias, ao longo do caminho, formaram-se circuitos grosseiramente ovalados que se distinguem claramente das bouças e matos envolventes. É o centro do território agricultado, de campos fechados por muretes de pedra seca. São terras de centeio e, mais recentemente, da batata. O parcelário morto que se estende, sob a forma de cercas justapostas, ao longo do planalto, até ao limite da mancha xistosa no extremo leste, revela antigas pressões sobre o baldio. Apropriações de pastos e mato e parcelas para cultivo de centeio e até batata que se foram arrancando àquelas terras.

Para percebermos como evoluiu o povoamento no espaço da freguesia, há que olhar em volta e procurar outras estratégias de ocupação do espaço no mesmo território. Em primeiro lugar, os desenvolvimentos dos últimos anos tendem a definir um novo modelo caracterizado pelo fim do movimento sazonal, o abandono das inverneiras e um desmembramento das brandas pelo avanço das casas para a face das estradas novas, modelo este associado à retracção do pastoreio e da agricultura, com conseqüente recuo dos campos de cultivo e desenvolvimento livre do carvalhal. A vila mantém a função de centro e os grandes eixos ordenadores são as estradas asfaltadas e, sobretudo, a estrada de ligação à vila de Melgaço. Para além desta nova estratégia de povoamento que se esboça, dois diferentes modos de ocupação do espaço ficaram impressos na área da freguesia.

A primeira, cujas marcas se concentram no planalto, está representada por uma magnífica necrópole megalítica. A segunda, é atestada por um povoado abandonado, implantado a meia encosta, num *plateau* do morro do castelo e para sudeste deste. Trata-se de um conjunto de estruturas maioritariamente rectangulares, definidas no terreno pelo alinhamento de blocos graníticos de razoável dimensão.

Estas estruturas organizam-se da seguinte forma: no interior de um espaço de c. de 8400m<sup>2</sup> (120x70m), limitado pelos lados mais vulneráveis, norte e sul,

---

<sup>4</sup> Com base no censo de 1940, a média de fogos é de 18 por branda, 14-15 por inverneira e 31-32 por lugar fixo. Os critérios utilizados para a definição de categorias de grandeza seguem os de Abel Bouhier, *La Galice. Essai géographique d'analyse et d'interprétation d'un vieux complexe agraire*. La Roche-sur-Yon (Vendée), Imprimerie Yonnaise, Tomes 1 e 2, 1979.

como o rio Laboreiro é afluente do Lima. Este povoado caracteriza-se por estruturas de tamanho e aparelho semelhante ao povoado de Castro Laboreiro, adossando-se aos penedos e utilizando o mesmo tipo de cobertura: tégulas e ímbrices. Parte das construções são também envolvidas por cercados. Não foi identificado amuralhamento ou reduto defensivo em associação com o povoado mas não é de excluir, para já, a possibilidade da sua existência.

A disposição no interior de um espaço definido por um cercado, de um conjunto de edifícios de desigual dimensão, ademais com um eixo preferencial de orientação das construções que é de certa forma marcado pelo caminho, evoca características de povoados alti-medievais estudados em várias regiões europeias (povoados anglo-saxónicos e alemães dos séculos VI e VII), em que a presença dos vários edifícios tem sido interpretada como correspondendo às diferentes funções — *casa* e *anexos* — de uma unidade agrícola<sup>8</sup>. O tipo de casa, por seu turno, pode ser aproximado do tipo definido como *casa elementar*, que seria o tipo mais *clássico* da casa alti-medieval naquelas regiões europeias mas que se estende pela Baixa Idade Média, altura em que aparece em uso em grande parte da Europa. Evoluiria progressivamente, nalgumas zonas, para a partição em dois espaços, um deles, desprovido de lareira e interpretado como sendo quarto de dormir<sup>9</sup>.

De difícil datação, dada a escassez de espólio, e uma vez que o tipo de casa e de aparelho se estendem no tempo longo e que são documentadas utilizações muito tardias da tégula — reutilizações ou mesmo fabricação — a sua implantação recatada, a meia encosta, e a estrutura das construções, evocaria alguns povoados, para o espaço português, que têm sido atribuídos ao período da Reconquista. A presença de muretes fechando espaços que grandes blocos graníticos definem e o tipo de construções que galgam a encosta, adossando-se à penedia, parece ser um tipo de solução semelhante à descrita para S. Martinho de Mouros e Penela por Mário Barroca — embora neste último caso estejamos em presença de casas escavadas nos calcários — e que este autor atribui àquele período<sup>10</sup>. Ambos se localizam na proximidade e em relação com o castelo que domina o monte em que se implantam.

Em Castro Laboreiro, o castelo é de construção dionisina<sup>11</sup>, constituído por dois recintos muralhados. A torre de menagem, bem como a cisterna, integram-

<sup>8</sup> Jean Chapelot e Robert Fossier, *Le Village et la Maison au Moyen Age*. Éditions Hachette, 1980, p. 106.

<sup>9</sup> idem, pp. 224 e 247.

<sup>10</sup> Mário Jorge Barroca, “Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)”. *Portvgalia*, Porto, Nova Série, Vol. 11-12, 1990-91, p. 89-136. Vêr, para esta questão, as páginas 103 e 110. O autor sublinha que “a opção por habitats rupestres nestes conturbados períodos da Reconquista não é, de resto, exclusiva da área portuguesa.” idem, p. 111.

<sup>11</sup> A “análise da sua arquitectura condiz com a notícia de Rui de Pina que no-lo refere como uma edificação do tempo de D. Dinis”, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Alto Minho*. Lisboa, Ed. Presença, Col. Novos Guias de Portugal, 1987, p. 182.

necessitando de menos braços e mais facilmente defensável<sup>18</sup>, parece-nos certo. Por outro lado, sabemos também, até pelo exemplo de Castro Laboreiro em períodos recentes, que o cultivo sobre queimada nas alturas da serra é não só viável como foi largamente praticado por quase todas as comunidades que usufruíam de brandas<sup>19</sup>. A exploração de produtos silvestres e da caça está largamente documentada para todas as populações que envolvem a serra, nas Inquirições de 1258.

Construindo uma cartografia a partir destas Inquirições, bem como do Numeramento de 1527, fica-nos uma imagem que tem servido de base a que investigadores considerem toda a área montanhosa da serra da Peneda, nessas datas, um “imenso vazio” apenas cortado por dois núcleos de povoamento — Castro Laboreiro e Soajo — e por um pontuado de currais associados à utilização de pastos de altitude<sup>20</sup>. Assim, e com excepção de Fiães, estaríamos perante um povoamento de Ribeira, fixando-se os núcleos habitados todos em torno da cota dos 300m ou abaixo desta. A lenta ocupação da montanha dataria assim da época moderna.

De facto, constata-se a ocupação e uso das terras altas da montanha. Assim, verifica-se a existência de núcleos construídos complementares ao povoado mãe: o Curral de Lamelas, referido numa demarcação dum reguengo nas mesmas Inquirições, pela coincidência dos outros topónimos, trata-se indubitavelmente da actual branda de Lamelas da freguesia do Cabreiro, vale do Vez. Por documentação dos finais do século XIII e inícios do seguinte<sup>21</sup>, é possível verificar a existência de núcleos habitados, actuais brandas ou lugares fixos — Gave e Outeiro da Gave, Parada do Monte, Val de Poldras — nomeadamente ao longo do Vale do Mouro e mesmo no topo da serra. Por seu lado, a igreja de Lamas de Mouro assinalará a presença daquela comunidade na Baixa Idade Média. Teríamos assim um mapa mais denso, uma rede de povoados semelhante à actual, e relevando de uma estratégia de ocupação do espaço diferente da que é atestada por uma série de despovoados<sup>22</sup>, ocupação arcaica em pleno ambiente serrano, adentro do período histórico. Como se relacionam com o povoamento posterior, de que tipo de

---

<sup>18</sup> Angel Barrios Garcia, *Estructuras Agrarias y de Poder en Castilla. El ejemplo de Ávila (1085-1320)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, “Documentos y Estudios para la História del Occidente Peninsular Durante la Edad Media”, 1984, vol. 1, p. 169.

<sup>19</sup> A datação que foi atribuída para a desflorestação do alto da Peneda, por razões antrópicas (pastoreiro, queimadas...), entre os anos 800 e 1000, denunciaria uma precoce, intensa e pouco controlada utilização da alta montanha, Geneviève Coudé-Gaussen, *Les Serras da Peneda et do Gerês. Étude Géomorphologique*. Lisboa, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, nº 5, 1981, p. 224.

<sup>20</sup> Isabel Medeiros, “Àcerca do povoamento da Serra da Peneda”. *Terra de Val de Vez*, Arcos de Valdevez, Nº 7, 1984, p. 39-56.

<sup>21</sup> Documentos do Mosteiro de Fiães referidos em P.º Manuel António Bernardo Pintor, “Por Terras de Soajo. São Bento do Cando na freguesia da Gavieira”, in *Terra de Val de Vez*, nº 2, Braga, 1981, p. 5-30.

<sup>22</sup> Para além dos referidos, há menções orais a alguns despovoados no coração da Serra Amarela, nem todos identificados (Porto Chão, Ludendos...). Inf. de A. Martinho Baptista.

organização do espaço e quais deverão ser os seus elementos a manter ou recuperar. Destes se espera que a sua significância e viabilidade de conservação permitam a leitura de uma paisagem coerente, prévia às mais recentes mutações. A opção da preservação e manutenção da ruína dos elementos em fase de abandono aparece-nos como uma solução capaz mas certamente não a única. A preservação passaria então pelo frear da tendência actual da ocupação do espaço caracterizada por um furor construtivo que anula a sua partição em áreas de povoado, campo, bouça e monte e tende a uniformizar todo o espaço, tomado agora como área de expansão urbanística dos povoados. Gerir esta expansão, contê-la no espaço, permite a inclusão, na nova paisagem que se constrói, de elementos significativos da paisagem anterior, situados em franjas agora marginais. A sua manutenção num estado de *abandono controlado*, sem que rateie ao valor patrimonial, introduz na paisagem a leitura das recentes mutações e da clara deslocação de centros e diferente relação com os recursos<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> A prevista criação de um pólo museológico na vila de Castro Labreiro, que estimule a investigação numa fase charneira de mudanças no modo de vida e sirva de centro para uma leitura e interpretação da paisagem do espaço da freguesia, contribuirá para desenvolver respostas hábeis e inovadoras à complexa questão do modo de preservar.

O restauro e musealização de conjuntos de casas nos lugares abandonados ou com menor utilização, tratados como núcleos museológicos articulados com o núcleo central, permitirá valorizar os locais, controlar as ruínas, mantendo-os visitáveis. A recuperação de unidades agrícolas com este fim, solucionaria igualmente o problema da exposição dos instrumentos agrícolas de maior envergadura que assim ficariam depositados nos seus sítios tradicionais de recolha — alpendres, pátios...



Fig. 1 — Castelo de Castro Laboreiro. Pano da muralha onde se rasga a porta da traição, aberta para norte.

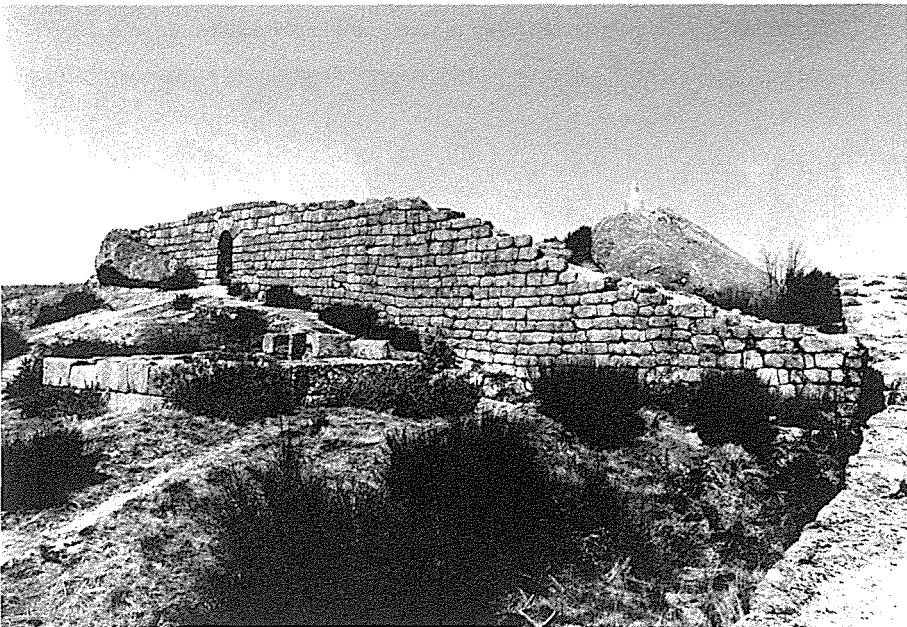


Fig. 2 — Interior do castelo de Castro Laboreiro. À esquerda, a porta que dá acesso do reduto sul para o norte. Neste, erguia-se a torre de menagem implantada sobre o maciço rochoso visível à direita da imagem.

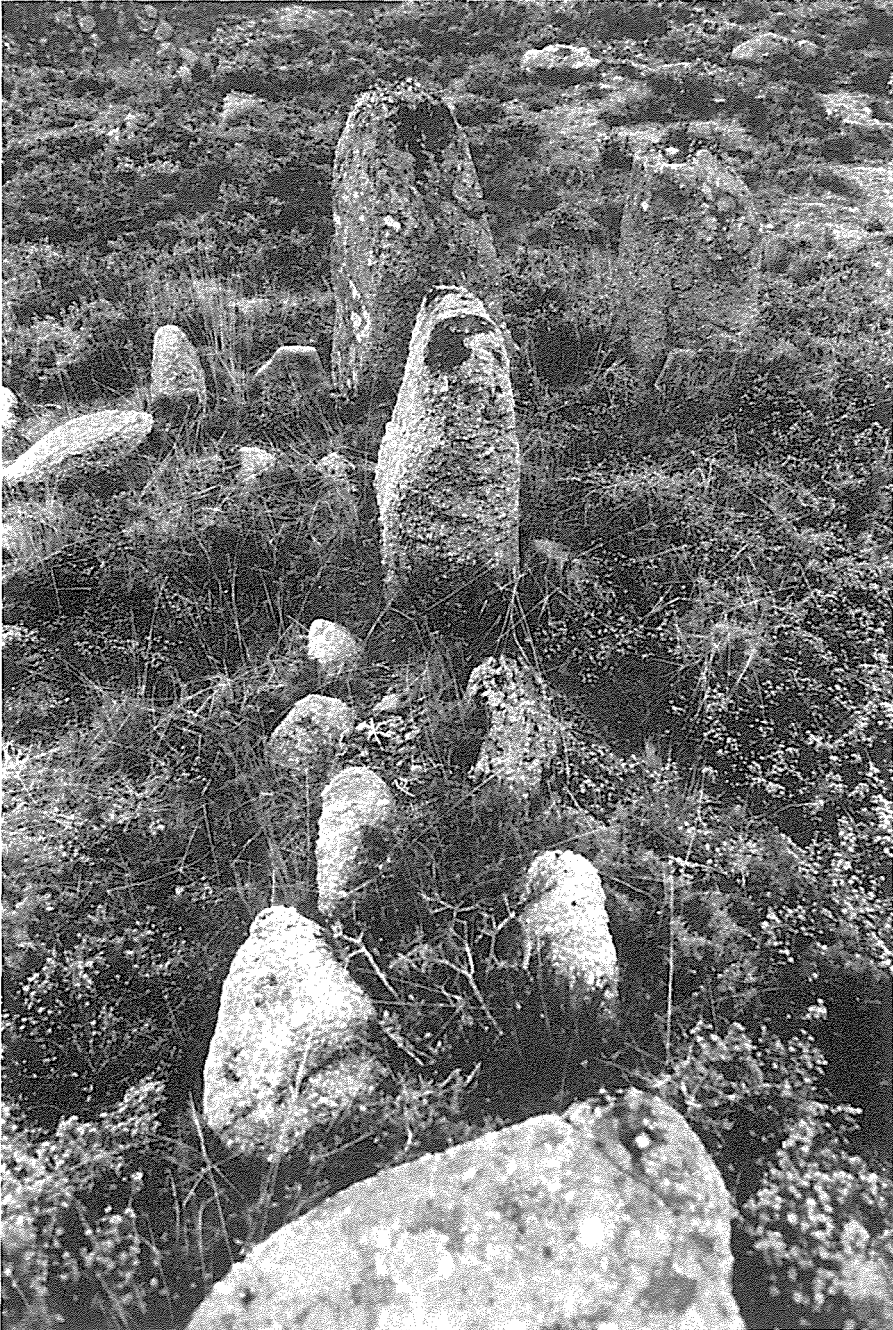


Fig. 3 — Povoado a sudeste do Castelo de Castro Laboreiro: pormenor de parede.